



## JORNADAS PELO MÉXICO COLONIAL: DESENVOLVENDO CÓDIGOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

*Jornadas pelo México Colonial: developing codes for history teaching*

*Jornadas pelo México Colonial: desarrollos de códigos para enseñanza de historia*

Thalis Figueiredo Sartorio<sup>1</sup>  
Nathalia Vieira Ribeiro<sup>2</sup>  
Rheuren da Silva Lourenço<sup>3</sup>

**Resumo:** Tendo em vista as contradições entre o paradigma tradicional e as tecnologias emergentes cada vez mais presentes no cotidiano escolar, este artigo busca refletir sobre a necessidade de inserir tais recursos para o ensino de forma mais pragmática. Para isso, realiza-se uma breve discussão sobre ensino de história e o uso de tecnologias digitais como ferramentas com potencial de utilização na educação básica, através da apresentação do website desenvolvido pelos autores, “Jornadas Pelo México Colonial”, pontuando considerações sobre seu processo de criação, seleção de conteúdos, construção de layout e objetivos com o projeto.

**Palavras-chave:** Programação Web. Ensino de História. Website.

**Abstract:** Considering the contradictions between the traditional paradigm and emerging technologies increasingly present in everyday school life, this article seeks to reflect on the need to insert such resources into teaching in a more pragmatic way. To this end, a brief discussion is held about teaching history and the use of digital technologies as tools with potential for use in basic education, through the presentation of the website developed by the authors, “Jornadas Pelo México Colonial”, highlighting considerations about its process creation, content selection, layout construction and project objectives.

**Keywords:** Web Programming. History Teaching. Website.

**Resumen:** Considerando las contradicciones entre el paradigma tradicional y las tecnologías emergentes cada vez más presentes en la vida escolar cotidiana, este artículo busca reflexionar sobre la necesidad de insertar tales recursos en la enseñanza de una manera más pragmática. Para ello, se realiza una breve discusión sobre la enseñanza de la historia y el uso de las

<sup>1</sup> Mestrando em História pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel. E-mail: thalis.sartorio@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3946314982248768>; Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0003-2749-0222>.

<sup>2</sup> Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel. E-mail: ribeirovnathalia09@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6991967549735587>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-0741-9010>.

<sup>3</sup> Licenciando em História pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. E-mail: rheuren.2001@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4327217629538742>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-9190-7887>.

tecnologías digitales como herramientas con potencial de uso en la educación básica, a través de la presentación del sitio web desarrollado por los autores, “Jornadas Pelo México Colonial”, destacando consideraciones sobre su creación de procesos, selección de contenidos, construcción del diseño y objetivos del proyecto.

**Palabras-Clave:** Programación Web. Enseñanza de Historia. Website

## Introdução

*“História é, em seus fundamentos, a ciência da mudança. Sabe e ensina que é impossível encontrar dois eventos que são exatamente iguais, porque as condições do qual elas nascem nunca são idênticas” - Marc Bloch*

É presente em nossas memórias sobre o ensino de história ou na percepção comum dos estudantes, uma disciplina permeada pelas falas excessivas dos professores, pelo uso de quadros e giz, apenas como forma de passar dados e datas, nomes e construções acabadas sobre o passado que somente irão proporcionar um fomento à clássica frase “saber o passado, para não o repetir”. Irônico seria se a frase fosse verdadeira, mas não é. Em nosso mundo globalizado e frente a uma abordagem tecnológica que permeia a história e define um caráter evolutivo ao próprio estudo do passado, impôs-se um espaço desmerecedor do tempo, suas transformações e contradições complexas, visto que, nesse novo paradigma, o estudo e a pesquisa histórica seriam apenas demarcados por figuras históricas pontuais, grandes feitos oficiais, curiosidades e informações banais, um punhado de ideias prontas e acabadas, descontextualizadas de sua historicidade.

Esse panorama geral atenta-nos para o fato de que, não basta ter um dado e uma data, saber um emaranhado de contextos que identificam determinados períodos históricos sem o espaço da reflexão, da criticidade e da possibilidade de indagação sobre um passado que não é estático. Como propõe Freire, em suas mais diversas obras como a pedagogia libertadora, a mudança dos paradigmas tradicionais, sobretudo nos contextos e espaços educacionais, é gerada por necessidades de novas reflexões críticas, temporalmente e estruturalmente demarcadas, no intuito de que a escola e o conhecimento vivo, fruto dessas relações, não estejam à margem e fora do tempo e suas transformações, sendo capazes de tornar o educando integrante ativo no desenvolvimento de sua consciência histórica.

Levando isso em conta, é necessário repensar o próprio ensino de história, visto que tais elementos podem vir a ser trabalhados com mais proeminência em conjunto à cultura e a

tecnologia, emergente no presente. Nesse sentido, a utilização e/ou construção dessas novas tecnologias pode vir a ser um elemento superador e questionador de paradigmas para repensar a ciência histórica como algo inacabado. Concordando, portanto, com Marc Bloch, na epígrafe deste artigo, a ciência histórica precisa da mudança e da transformação como fonte de seu motor.

Tendo em vista essas considerações sobre a ciência histórica e o ensino de história em correlação com o desenvolvimento tecnológico no âmbito educacional, a proposta deste trabalho é tecer algumas contextualizações teóricas, nos dois primeiros segmentos, sobre o próprio ensino de história e a utilização de tecnologias, sobretudo digitais, como ferramentas para a construção do conhecimento histórico em sala de aula. A posteriori, no terceiro segmento, objetivamos apresentar o website *Jornadas pelo México Colonial*<sup>4</sup>, desenvolvido no ano de 2021, como um recurso didático para pensar a inserção desses novos recursos em relação à emergência de outras linguagens que estão imersas na sociedade. Com isso, tencionamos possibilitar novas formas de leitura da realidade, levando em conta os procedimentos de problematização, observação, documentação e formulação de hipóteses no campo do ensino.

### **Breves considerações sobre o ensino de história**

A história, enquanto disciplina, como atenta Joaquín Prats (2006, p. 196), “oferece um marco de referência para entender os problemas sociais, para situar a importância dos acontecimentos diários, para usar a informação criticamente e, finalmente, para viver com uma consciência cidadã plena”. Em outras palavras, a história não é sinônimo do passado, mas o estudo que dá sentido e coerência aos processos desse passado com base nas reflexões e proposições do tempo presente. No contexto escolar, a história potencializa nas crianças e adolescentes um sentido de identidade por meio do desenvolvimento de uma consciência das origens, permitindo que, quando adultos, extrapolando esse contexto, possam compartilhar valores, costumes, ideias etc., de forma crítica.

Nesse sentido, o ensino de história sob a metodologia aplicada pelo historiador, pode se traduzir enquanto uma ferramenta de emancipação pedagógica e cidadã em diferentes níveis quando levado em consideração os critérios e objetivos próprios da disciplina<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Link de acesso ao website: <https://jpmc-mex.vercel.app/>

<sup>5</sup> Atemo-nos aqui as proposições de Prats (2006).

Contudo, esses propósitos só podem ser alcançados quando o ensino não é pautado na memorização de datas e fatos históricos isolados, isso porque a história, não somente enquanto disciplina, “pode ajudar a problematizar o caráter imediatista do mundo contemporâneo, em que tudo são mercadorias e descartáveis, objetivando superar o fatalismo das relações e a naturalização dos processos por meio do estranhamento e da alteridade” (CUNHA, 2015, p. 530). Desse modo,

o Ensino de História só pode ter um papel orientador estando inserido na cultura histórica. E, assim, envolvendo questões morais, éticas, pedagógicas, existenciais, entre outras, é por meio dessa cultura que podemos constituir sentido histórico para orientar a vida e desenvolver a capacidade de aprender historicamente. O aprendizado histórico não compreende só aprender conteúdos do passado, é um engajamento do sujeito social que se entende pela História, interpretando a História também subjetivamente, e não apenas no campo objetivo (CUNHA, 2015, p. 530).

A compreensão histórica que se constrói nos espaços educacionais, que também extrapola esses ambientes, é a que deve auxiliar o aluno a compreender a historicidade e os sentidos do passado na vida presente e cotidiana, realocando-o enquanto sujeito social também inserido, imerso e atuante nesse processo. Essas noções se relacionam com “as atribuições do lugar social do Ensino de História” (CUNHA, 2015, p. 542), que pode ser visto e compreendido como tendo um locus de “questionamento da sociedade, de formação de consciência histórica e de formação política” (CUNHA, 2015, p. 542).

Essa consciência representa um movimento de “selecionar no passado o que é importante para poder se posicionar no presente” (CUNHA, 2015, p. 542). Dessa forma, a consciência histórica poderia se traduzir enquanto “uma estrutura de conhecimentos usados para pensar o presente, posicionar-se e fazer escolhas para a vida, o que extrapola a educação escolar” (CUNHA, 2015, p. 542). Para Rüsen (1992), a consciência histórica, a qual o ensino de história deve priorizar, tem uma função prática. Ela deve conferir

à realidade uma direção temporal, uma orientação que pode guiar a ação intencionalmente, através da mediação da memória histórica. Pode-se chamar [...] a esta função "orientação temporal". Essa orientação tem lugar em duas esferas da vida respectivamente a a) a vida prática e b) a subjetividade interna dos atores (RÜSEN, 1992, p. 6).

O que se entrevê, portanto, é que o ensino de história detém um papel de formação cidadã, política e crítica frente às mais variadas situações e contradições sociais. Segundo as

proposições de Freire (2005), na formação da consciência crítica, como consequência do processo de formação da consciência histórica, é necessário que a injustiça se torne um percebido claro para a consciência, possibilitando aos sujeitos se inserirem no processo histórico e fazendo com que eles se inscrevam na busca de sua afirmação (SCHMIDT, 2005, p. 299). Para esta mesma autora, a consciência crítica possibilita a inscrição dos sujeitos na realidade para melhor conhecê-la e transformá-la, ou seja, o sujeito passa a ser formado para enfrentar, ouvir e desvelar o mundo, procurando o encontro com o outro, estabelecendo um diálogo do qual resulta o saber.

Contudo, como aponta Prats (2006, p. 194)

há um problema que se detecta com muita frequência. Quando se incorporam conhecimentos de ciências sociais às aulas, estes são apresentados como conhecimentos prontos, acabados, e em consequência os alunos não os relacionam exatamente com aquilo que é próprio de uma ciência.

Decorrente dessa abordagem pedagógica, derivada da educação bancária (FREIRE, 2005), as disciplinas “sociais” são percebidas nesses contextos como “elementos de cultura, de curiosidade ou de mera repetição de datas comemorativas e acidentes geográficos” (PRATS, 2006, p. 195). Essa desconexão entre científico e o social, faz com que essas disciplinas sejam interpretadas pelos alunos como “[...] menos interessantes, que devem ser memorizadas, e que não admitem atividades discursivas, de indagação ou de resolução de problemas” (PRATS, 2006, p. 195).

Para Mônica Gomes e Alessandro Gomes (2016, p. 6), esse fenômeno acontece pois o ensino de história ainda é “bastante estigmatizado e predominantemente narrativo e textual”, o que causa desinteresse em grande parte dos estudantes. Década após década, o modo como se ensina história nas escolas se repete. Porém, as mudanças e transformações sociais são cada vez mais frequentes, isso porque “a partir da globalização surge a Sociedade do Conhecimento, que é justamente a geração que tem acesso muito mais fácil e rápido a uma gama muito maior de informação” (GOMES; GOMES, 2016, p. 6), sobretudo informações advindas das redes.

Enquanto os alunos se encontram na era digital, a história do ensino de história no Brasil, ainda privilegia o método mnemônico, de construção memorialista de um passado sedimentado para repercutir uma origem branca e cristã (WENDERROSK, 2021, p. 334). A

palavra “decoreba” pode sintetizar a forma de pensar a disciplina histórica, em que se centra nas figuras brancas, excluindo as contribuições indígenas e negras na construção da História do Brasil. O autor pontua que durante os anos do Império, há um ensejo da reconstrução da identidade, visto que a luso-brasileira estabelecida durante a colônia não tinha mais serventia.

Já na República, Wenderrosck (2018, p. 138) destaca que a “modernização do Brasil estava ainda em fase inicial e difundia-se a ideologia do “país do futuro” de acordo com a noção do tempo histórico evolutivo e do progresso impossível de ser violado”. Em decorrência, a linearidade e a factualidade se tornaram princípios que formaram a disciplina histórica, pautada nessa concepção de “evolução” e “progresso”, sempre em direção à frente, em um sentido de “avanço” que deveria ser reforçado.

Em uma perspectiva similar, Maria Lígia Prado (2021) sustenta que a história da América Latina constituída no Império se sedimentou dentro da concepção de que as Repúblicas estariam voltadas a desordem e a Monarquia a ordem e desfragmentação, visto que o Império brasileiro reunia os espaços outrora sob o jugo de Portugal. Essa é a construção de nação e história nacional que perpassa a própria constituição do Império do Brasil (WENDERROSK, 2021, p. 136). O segundo ponto elencado por Prado (2021) é a visão eurocêntrica que se faz presente na elaboração dos currículos, que privilegiam a Europa em detrimento de uma história pautada na América.

Dessa forma, Bittencourt (2018), Wenderrosck (2021) e Prado (2021) nos encaminham a refletir o quanto o ensino de História é permeado pelo presente e suas imposições. No contexto contemporâneo, as tecnologias estão presentes tanto no cotidiano de professores e alunos quanto na própria BNCC, desse modo, é inquestionável a necessidade de incluir tais ferramentas no contexto escolar.

A Tecnopedagogia, ou seja, a pedagogia mediada pela tecnologia e o uso das TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação, nos contextos educacionais, especificamente dentro do ensino de história, podem ser recursos profícuos no sentido de disporem, quando bem direcionadas e propositais, um outro modelo educacional, “uma vez que os padrões atuais são incompatíveis a memorização, repetição de fatos e o professor exclusivo detentor do saber” (FRANÇA; SIMON, 2018, p. 5).

O ensino de História no Brasil nos auxilia a pensar, discutir e refletir, mesmo que brevemente sobre o panorama de descompasso que os estudos acadêmicos e os escolares se apresentam no Brasil. Reúne-se a questão a especificidade do ensino de História da América

Latina, visto que o website proposto se volta para essa temática e se faz pertinente a indagação de qual espaço é legado, seja para a história do Brasil ou da América Latina, ou a história de um continente frente aos seus colonizadores. E se o presente nos urge o debate sobre o que está em voga, é necessária a discussão acerca de tecnologias e construção desta nos enseja o estudo e análise.

Na seção seguinte, teceremos algumas considerações sobre o uso das tecnologias no ensino de história compreendendo que giz e quadro são tecnologias tanto quanto um filme, série, música, videogames e websites. Partindo do tempo presente que se interpela pela interrogação do passado, compreendemos que as tecnologias, aqui estabelecendo o recorte dos avanços mais recentes, podem ser entendidas como propiciadoras de indagações e reflexões.

### **Breves considerações sobre o uso das tecnologias no ensino de História**

Dando continuidade às reflexões pautadas no primeiro segmento do trabalho, a forma engessada pela qual se materializa o ensino de história nas salas de aula, afasta os estudantes da possibilidade de desenvolver um aprendizado significativo em torno da consciência histórica que, como já elencado, é uma das principais etapas para formação da consciência cidadã e política. Assim, o pensar historicamente é um importante instrumento de emancipação social.

Portanto, tal metodologia enrijecida, impõe para os educandos um conhecimento já existente e pré-concebido, como algo estático no passado que é desconectado com o presente, de forma a não possibilitar um espaço de reflexão e crítica sobre os processos históricos e seus desdobramentos no decorrer do tempo, bem como tolhendo a autonomia de pesquisa dos estudantes, fator importante, para “a formação de cérebros para a cooperação, [...] que prepara para a vida, para tomar decisões, para integrar conhecimento, [...] que prepara o indivíduo para agir, não apenas para reagir, para planejar e não apenas executar” (BRITO, 2006, p. 119 apud GOMES; GOMES, 2016, p. 9).

No contexto das sociedades contemporâneas, mesmo dentro do capitalismo tardio como no caso brasileiro, “as mudanças na sociedade são decorrentes, em grande parte, do desenvolvimento tecnológico da informática e das telecomunicações, e o conhecimento ocupa um papel central nesta nova sociedade” (GOMES; GOMES, 2016, p. 5). Nesse novo cenário que se descortina, a educação e, por conseguinte, o processo de ensino-aprendizado não pode mais ser pensado de forma a estar desconectado com tais transformações sociais. De tal modo,

é inegável que o uso de tecnologias digitais devem ser utilizadas de maneiras assertivas em sala de aula. Não apenas em que tais usos sejam apercebidos como momentos de descontração, mas que tais elementos se engendram de maneira a fazerem parte como recursos e ferramentas didático-pedagógicas nos processo de ensino-aprendizagem.

Essa problemática levantada demanda, certamente, a construção de uma agenda de planejamento que atenda a curto, médio e longo prazo às demandas socioeducacionais, onde a inserção das TDIC deve apresentar-se como uma política de Estado, em que não só se assuma o financiamento e cobertura de ações, mas, sobretudo, que crie métodos de integração das TDIC a serem implantadas e de ação continuada. O professor não pode, de forma alguma, estar sozinho neste desafio que é, por si só, um desafio institucional e de interesse público nacional (ANDRADE, 2018, p. 191).

Ainda que quadro, giz e até mesmo o tão disseminado *data show* sejam igualmente tecnologias e ao mesmo tempo materiais didáticos, o seu uso massivo e exclusivo, mesmo no contexto presente onde há variados outros tipos de tecnologias disponíveis para serem utilizadas, torna as aulas exaustivas e pouco interessantes e/ou interativas para os estudantes. Buscando encontrar alternativas menos tradicionais, historiadores e educadores têm se debruçado sobre a temática do uso de diferentes tecnologias, especificamente aqui as TICs, para o ensino de história. Mas afinal, o que são as TICs<sup>6</sup> e quais seus objetivos para o ensino de História?

As TICs são todas as tecnologias que conduzem a processos comunicacionais e informacionais, ou seja, no caso do ensino, conjunto de recursos de hardware, software e telecomunicações que, integrados entre si, proporcionam ensino e aprendizagem (GOMES; GOMES, 2016, p. 3-4). No contexto da tecnopedagogia<sup>7</sup>, é preciso que além do profissional da educação, os próprios sistemas educacionais em conjunto sejam repensados, levando em conta “as questões relacionadas à formação e ao papel do aluno frente a esses novos desafios” (GOMES; GOMES, 2016, p. 4).

Nesse sentido, o uso de tecnologias vem para otimizar o ensino e aprendizagem em sala de aula, aproveitando-se do acesso à “riqueza de recursos que são os sons e imagens, possibilitando maiores explorações e integrações de ideias por parte dos alunos nas questões conceituais” (FRANÇA; SIMON, 2018, p. 8), bem como desenvolver com os educandos um

---

<sup>6</sup> Tecnologias da Informação e Comunicação

<sup>7</sup> Pedagogia mediada pela tecnologia (GOMES; GOMES, 2016)

ambiente mais próximo da realidade dos alunos, uma vez que estamos diante da denominada geração do conhecimento, onde toda a informação está à distância de um clique. Isto porque,

o uso das NTICs na educação deve ter como objetivo mediar a construção do processo de conceituação dos alunos, buscando a promoção da aprendizagem e desenvolvendo habilidades importantes para que ele participe da sociedade do conhecimento e não simplesmente facilitando o seu processo de ensino e de aprendizagem (VIEIRA, s/d, p. 2, *apud*: GOMES; GOMES, 2016, p. 2).

Nesse sentido, as TICs não devem ser usadas como máquinas para ensinar ou aprender, mas sim como ferramentas pedagógicas “para criar um ambiente interativo que proporcione ao aprendiz, diante de uma situação problema, investigar, levantar hipóteses, testá-las e refinar suas ideias iniciais, construindo assim seu próprio conhecimento” (GOMES; GOMES, 2016, p. 8). Isso é possível pois o ambiente web, enquanto plataforma, ao deixar de ter seu caráter estático mediado pelo professor no contexto educacional, pode adquirir contornos de interfaces mais intuitivas com a “explosão das redes sociais e a flexibilidade do conteúdo com a autonomia do usuário” para gerá-lo (GOMES; GOMES, 2016, p. 4).

Por conseguinte, também é oportuno refletir e discutir que o uso precisa ser articulado com a aula, não como mero utensílio que “chame atenção”, mas que tenha uso significativo no contexto das discussões. França e Simon (2018) vão pontuar que a integração para com o ensino de história, deve visar a formação histórica do educando, seu desenvolvimento social e que não pode ser vista em um olhar tecnicista, que é necessário compreender o mundo, compreender a máquina e utilizar-se das ferramentas da ciência histórica em tal empresa.

Se pensarmos em aprender a história como uma forma de reorientação cognitiva, em que as crianças aprendem a ver o mundo de maneiras novas e mais complexas, a realização da aprendizagem histórica torna-se algo que transforma a sua visão e permite possibilidades de ação que tinham sido até então – literalmente – inconcebíveis para elas (LEE, 2016, p. 116).

Nesse sentido, relacionando o pensamento do professor e pesquisador inglês, Peter Lee, o uso das TICs como recurso didático-pedagógico vai além do que Oliveira (2012) nos alerta, acerca da presença dessas novas linguagens da sala de aula que “não deve vir em função de uma simples renovação dos métodos e tampouco pode ser entendida como possibilidade de promover um maior interesse dos estudantes” (OLIVEIRA, 2012, p. 168).

Ou seja, a utilização desse recurso deve ser pensada de modo a contribuir para a formação cidadã dos alunos, especialmente no que se refere à concepção de indivíduos sociopolíticos. Tal argumento encontra sua solidez no já sabido de que o ensino de história se dá de modo a estabelecer uma consciência histórica real e, desse modo, os conteúdos precisam estar de acordo com a realidade do estudante.

Isto posto, por que não se valer desses mesmos meios para tais fins?. Conforme sustenta Barca (2006, p. 95) “em História, a aprendizagem é orientada para uma leitura contextualizada do passado a partir da evidência fornecida por variadíssimas fontes. A História não trata de certezas sobre um passado considerado fixo até que novos factos sejam descobertos”.

Para além dos aspectos já tangenciados, para Moran, Masetto e Behrens (2006, apud FRANÇA; SIMON, 2018, p. 5) uma das maiores potencialidades do uso dessas ferramentas conectadas à internet é que estas abrem “caminhos para novas maneiras de adquirir conhecimento e fonte de ilimitadas informações, que vão desde artigos científicos, livros, documentos, revistas e outros”. Todavia, esses recursos tecnológicos precisam ser compreendidos enquanto “meios alternativos” para a construção do conhecimento.

Além disso, o uso do computador e dispositivos ligados à internet, como o próprio celular, propicia a integração e envolvimento com outras ferramentas como acesso a uma riqueza de recursos que são os sons e imagens, possibilitando maiores explorações e integrações de ideias por parte dos alunos nas questões conceituais. E ainda, mudança nos papéis dos professores e métodos de ensino, bem como a facilitação na busca de dados de natureza histórica (FRANÇA; SIMON, 2018, p. 8).

Não obstante, o uso desses recursos tende a tornar o ensino de história e a própria história, para além da matriz disciplinar, mais dinâmica e atrativa, fazendo com que o aluno tenha condições de “entrar em contato com outras pessoas, trocar experiências, construir conceitos coletivamente, a partir do contato com diversos sujeitos, onde o virtual invade as emoções e domina as curiosidades” (FRANÇA; SIMON, 2018, p. 8). Para Ferreira (1999, p. 150) a participação ativa dos estudantes através do uso das tecnologias os faz ter mais interesse e motivação para buscar o conhecimento histórico, estimulando-os a:

terem um vivo interesse pelos acontecimentos do mundo; • serem agentes e atores do processo histórico e não pessoas passivas diante do tempo; • terem uma atitude crítica e reflexiva dos fatos que são veiculados pelos diversos meios de comunicação; • desenvolverem a capacidade de ver, ler, escutar; • sistematizarem as informações, relacionando os diversos temas abordados (FERREIRA, 1999, p. 150).

Diante das proposições, não buscamos aqui perder de vista os desafios tanto estruturais quanto de práticas ativas no que se refere ao uso dessas tecnologias. A situação precária das escolas públicas em diferentes regiões do país, bem como a desinformação, no sentido de não ter formação hábil para trabalhar com tais recursos, por parte da maioria dos educadores, são dois dos maiores desafios que se impõem em relação à utilização de diferentes recursos tecnológicos no ensino de história. Além de pensar na inexistência do uso de computadores, seja pela falta de preparo dos envolvidos nos processos - educadores e escolas como um todo.

Além disso, entre as discussões que França e Simon (2018) propõem, é cabível pensar no medo do professor frente ao uso de tecnologias no ensino e sua substituição por esta. Interessante destacar que tal preocupação permanece presente, persistindo em trabalhos pelo decorrer das décadas, podendo se intensificar com a discussão sobre quais serão os trabalhos do futuro, nos quais as máquinas tendem a substituir o trabalho humano. Outra discussão que os autores trazem é o quanto a inserção de computadores no ambiente escolar e como tal projeto apenas simbolizou a “presença” das máquinas na escola e não o seu uso.

O problema consiste que muitas escolas implantaram o Laboratório de Informática por iniciativa do governo e o computador passou a fazer parte do ambiente escolar sem que houvesse uma metodologia definida e objetiva da prática pedagógica a partir do uso dessa ferramenta. O que se vê, portanto, é a larga utilização nas secretarias das escolas, bibliotecas, ou seja, para fins burocráticos (FRANÇA; SIMON, 2018, p. 7).

Em face dessas considerações, é importante o professor de História se aproveitar dessas ferramentas a fim de transformar essa informação em conhecimento. Segundo Gomes e Gomes (2016), a inovação e inserção das novas ferramentas tecnológicas no âmbito educacional tende a trazer bons frutos para o processo de ensino-aprendizagem, possibilitando uma mudança de paradigma no que tange às aulas de história. No entanto, ainda se encontra muita resistência dos profissionais em aderir a tais instrumentos como recursos pedagógicos. Além disso,

a falta de computadores e outros recursos tecnológicos em muitas escolas, principalmente de uma internet que consiga atender a demanda da escola; e também, a resistência por parte de professores, principalmente aqueles com mais tempo de serviço, de utilizar e de aprender a utilizar as TIC's [Tecnologias da Informação e Comunicação] (COSTA, 2011, p. 137 *apud* GOMES; GOMES, 2016, p.8).

Por conseguinte, faz-se necessário a formação continuada de professores no intuito de capacitá-los para utilizar de maneira mais assertiva as novas tecnologias, uma vez que “para a melhoria no ensino de história faz se necessário primeiramente uma concepção de história definida pelo professor e, depois, uma articulação entre teoria (saber) e metodologia (como fazer)” (FRANÇA; SIMON, 2018, p. 3). Ou seja, para a melhor inclusão tecnológica, não basta apenas que o profissional conheça e domine o conteúdo a ser ensinado, mas que também saiba o que existe à sua disposição, tal qual possua autonomia para decidir como, quando e de que forma essas ferramentas serão incorporadas para fins pedagógicos. Portanto,

habilitar os docentes para a correta utilização didática das NTIC [Novas Tecnologias de Informação e Comunicação], revela-se sine qua non para o desenvolvimento de sua prática pedagógica no mundo atual. Assim, é importante que a formação docente enfoque a incorporação crítica destas ferramentas como ponto central para sua utilização no universo educativo (FERREIRA, 2004, p.61 *apud* FRANÇA; SIMON, 2018, p. 7).

Dessa maneira, pensar na formação que se almeja é importante para a reflexão engendradora, visto que “não podemos focar apenas nas ferramentas tecnológicas sem a premissa de que a autonomia e o uso crítico dos ambientes digitais é o passo fundamental para [...] toda a relação social, cidadã” (SPINOSA; MEDEIROS, 2020, p. 9-10), isso porque “as tecnologias são concebidas a partir das interações sociais, compondo um dos elementos do desenvolvimento das sociedades” (WENDERROSK, 2021, p. 345).

Os códigos são desenvolvidos por programadores que não podem ser vistos como apartados da sociedade, imersos em zeros e uns, os famosos binários. São pessoas que desenvolvem tecnologias que impactam cotidianamente a sociedade. Portanto, cabe justamente ao espaço do ensino de história refletir sobre como na sociedade atual a Computação, os dados e informações interferem nas vidas e no cotidiano das pessoas, pois

a técnica não existe de maneira independente, com vontade própria e sem relação com outras esferas da realidade. Não se pode separar em categorias diferentes as técnicas, a cultura e a sociedade, já que estas compõem o todo e se articulam de forma concomitante e interligada (WENDERROSK, 2021, p. 345).

A técnica e a cultura na qual encontramos-nos imersos, interseccionam-se na sociedade e produzem nosso tempo presente, pautado pela tecnologia em diversos e cada vez mais diversificados espaços. Portanto, cabe à Ciência Histórica se aproximar e discutir a tecnologia, de modo integrado ao seu fazer educativo.

Dentre as tecnologias possíveis, elenca-se o website, um recurso que

nos oferece algumas vantagens frente a um formato impresso, pois permite uma grande capacidade de armazenamento de dados, de alimentação contínua, podendo ser o suporte para divulgação de uma ampla variedade de conteúdos, entre eles fontes documentais, sejam escritas, imagéticas, orais ou filmicas. A proposta do site é concebida justamente por compreendermos que o momento que vivemos é permeado por inúmeros dispositivos digitais que podem facilitar o acesso às informações históricas, tornando esse conhecimento amplamente divulgável e acessível (LIMA, 2020, p. 90).

Reflexo dessas possibilidades dilatadas no uso de ferramentas digitais para o ensino, durante a pandemia do Coronavírus, o espaço virtual foi utilizado amplamente (VIEIRA; SILVA 2021). O uso dos websites nesse e em outros contextos estabelece uma gama extensa de distintas formas de ensinar e aprender na virtualidade. Nesse sentido, partimos do ponto que o website é uma tecnologia que se define como digital num espaço virtual e que se propõe a interação do educando e professor em determinada temática histórica, com a possibilidade do uso de recursos diversos.

Assim, pode-se inferir que está compreende e instiga variadas e amplas reflexões de análise e estudo que devem ser apropriadas pela Ciência Histórica. Atentando-se a essas considerações, encaminhamo-nos ao terceiro segmento, onde apresentaremos o website *Jornadas pelo México Colonial*, cujo desenvolvimento tanto estrutural quanto conteudista norteou-se pela prospecção de que sua utilização enquanto recurso didático fosse/seja feita através da mediação dos professores para com os alunos. Salienta-se que seu uso foi pensado tanto para o sistema presencial quanto remoto.

## **Jornadas Pelo México Colonial: um website voltado para o Ensino de História**

Idealizado e desenvolvido no ano de 2021, o website JPMC – Jornadas pelo México Colonial – é uma produção voltada para o ensino de História provinda de uma atividade da disciplina de História da América Colonial, do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande. A atividade em questão consistia em elaborar um material didático que englobasse a temática da América colonial hispânica, que pudesse ser utilizado como ferramenta para o ensino de história.

Tendo em vista a possibilidade de desenvolvimento por um dos membros do grupo, cuja formação prévia é em Informática, optou-se por enveredar pela criação de um website. Além disso, a escolha também se sustentou pelo fato de que neste tipo de recurso, há a viabilidade de articular imagens, textos, vídeos e outros elementos que não chegaram a se apresentar no site, mas que são possíveis. Nesse construto, o objetivo que se apresentou foi o de encontrar novas e atrativas formas de se trazer determinado conteúdo, nesse caso, relativo ao México Colonial, tema central da discussão<sup>8</sup>.

Ainda buscou-se a exploração de outros meios didáticos como ferramentas para auxiliar no ensino de história que extrapolam o powerpoint, mas que, ao mesmo tempo, não se limitem ao podcast ou ao vídeo, englobando assim a utilização de tecnologias para auxílio no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que esta se tornou uma abordagem profícua no presente momento. Desse modo, o website foi idealizado e criado para ser utilizado tanto por professores da educação básica quanto pelos seus alunos. Nesse sentido, nas seções seguintes, traçamos um percurso metodológico sobre seu desenvolvimento e seu conteúdo, de maneira que esse público possa se sentir próximo a esse recurso.

### **Sobre a criação do website**

Foi utilizado HTML e CSS, com uso da linguagem de programação *JavaScript* para a criação do *website*, buscando possibilitar um melhor uso das imagens. Foram levados também em consideração as formas didáticas pelas quais poderiam se apresentar o conteúdo, utilizando para isso o contínuo uso de imagens junto aos textos, integrado a maneira pelas quais foram dispostos os elementos e o planejamento das páginas. A imagem abaixo exemplifica a escolha de mesclar imagens com texto para tornar a experiência mais enriquecedora.

---

<sup>8</sup> Salientamos que o conjunto da discussão engloba o período anterior ao colonial e traz-se ao presente em uma última seção para estabelecer um diálogo mais abrangente.

Figura 1 – Website Jornadas Pelo México Colonial



Agora que já viste como o povo asteca chegou ao que hoje chamamos de México, veremos um pouco do assentamento e dos anos até a colonização.

Fonte: Jornadas Pelo México Colonial, 2021.

Em relação ao planejamento, a pesquisa histórica e a seleção dos tópicos foram parâmetros para definição das páginas, como também da necessidade de construção das páginas de Referencial Teórico e Glossário. Um adendo que vem sendo realizado em relação ao site em sua estrutura é a implementação de uma biblioteca em *JavaScript*, *ReactJS*, para possibilitar a construção de uma maior interatividade no uso dos educandos, como também uma complexificação da ferramenta e das possibilidades de recursos a serem desenvolvidos no *website*.

### Acerca da navegabilidade e recursos do website

Para fins didáticos, o website foi fragmentado em seis momentos, sendo eles divididos entre apresentação do espaço e de mapas, por meio de áudio, texto e imagens, contextualização da invasão espanhola, escravização e formas de trabalho forçado durante a colonização hispânica. Seguido da apresentação das formas de resistência indígena mexicana no período colonial, ambos mesclando também esses diferentes recursos de mídias.

Logo, como quarto momento, elencamos abordar sobre os impactos da colonização por meio do uso de dados acerca das populações tradicionais mexicanas na contemporaneidade, compreendendo como se dão suas formas de resistências no presente mediante o uso de imagens, áudio e recomendação de materiais como vídeos externos à nossa produção. Além disso, como quinto momento, foi desenvolvido um glossário de termos utilizados ao longo das páginas para auxiliar na compreensão de determinados conceitos.

Por fim, como sexto e último momento, elencamos a separação e sistematização das referências utilizadas para a elaboração do conteúdo do website. A imagem 2 ilustra o cabeçalho do site, onde cada página sintetiza os tópicos que se perpassam para compor o conteúdo.

Figura 2 – *Navbar* do Website Jornadas Pelo México Colonial



Fonte: Jornadas Pelo México Colonial, 2021.

Por conseguinte, temos na página inicial a apresentação da navegabilidade do website por meio do uso de um áudio. Aqui também se pode destacar o uso de imagens digitais similares à aparência dos autores que são empregadas como condutores da jornada. Como exemplo, temos a imagem 3, onde também se propõe o uso do recurso de áudio, que será doravante melhor abordado.

Figura 3 – Apresentação do Website Jornadas Pelo México Colonial



Fonte: Jornadas Pelo México Colonial, 2021.

Pensando na experiência do usuário com as páginas de conteúdo do website, ensejou-se, por meio de um “balão de conversa”, apresentar os tópicos almejados nessa etapa da jornada, buscando a construção de uma dinâmica interativa, que visa uma breve introdução aos tópicos de abordagem, demarcando assim, os conteúdos presentes na página do site, como pode ser visto na imagem 4.

Figura 4 – Apresentação de página do Website Jornadas Pelo México Colonial



Fonte: Jornadas Pelo México Colonial, 2021.

Em relação a forma que o conteúdo é apresentado, como identificado anteriormente, seguiu-se uma abordagem que mescla textos e imagens, como no caso da imagem 5 com a representação do mapa da América Espanhola. Tal organização preenche a jornada de estudos na página específica e complementa-se com a imagem 6, que se intercala para o “condutor” enfatizando algum ponto ou questionando algo do texto e das imagens apresentadas.

Figura 5 – Imagem com mapa apresentado no Website Jornadas Pelo México Colonial



Fonte: Jornadas Pelo México Colonial, 2021.

Já a imagem 6, além de enfatizar ou indagar algo, também é utilizada para encerrar a etapa da viagem, sintetizando o apresentado e encaminhando o usuário para a seguinte fase do aprendizado.

Figura 6 – Área de reflexão do Website Jornadas Pelo México Colonial



Fonte: Jornadas Pelo México Colonial, 2021.

Ademais, como recursos utilizados para complementar a experiência, na seção de história do presente, utilizou-se um *podcast* para apresentar uma temática vinculada aos povos indígenas e estimular a indagação, com o uso dessa ferramenta tão presente na atualidade. A imagem 7, exemplifica como o recurso é agregado no site, articulando uma seção na qual os elementos das imagens anteriores também se apresentam.

Figura 7 – Podcast do Website Jornadas Pelo México Colonial



Fonte: Jornadas Pelo México Colonial, 2021.

Nosso próximo recurso elaborado é um glossário com termos selecionados para auxiliar na compreensão dos conteúdos estudados. Nele as palavras são apresentadas em ordem alfabética, como é possível ver na imagem 8.

Figura 8 – Glossário do Website Jornadas Pelo México Colonial



**A**  
**Autóctonos:** que ou quem é natural do país ou da região em que habita e descende das raças que ali sempre viveram.

**C**  
**Cacique Taabascoob:** Taascoob (na língua Yokot: (ain: "Nosso Senhor dos Otto Leões") era um halach uinik (chefe maia) da jurisdição de Potonchán, conhecido por liderar os Maia-Chontais na batalha de Centla contra os espanhóis liderados por Hernán Cortés em 14 de março de 1519. Sua senhoria tinha laços comerciais com os maias e outras jurisdições maias, especialmente com a jurisdição de Chak'el Putum (cujo Cacique era seu irmão), que após ter tido contato com as expedições de Francisco Hernández de Córdoba e Juan de Grijalva avisou os Chontales.

**Capitalismo:** Sistema econômico que visa ao lucro e à acumulação das riquezas e está baseado na propriedade privada dos meios de produção. Os meios de produção podem ser máquinas, terras, ou instalações industriais, por exemplo, e eles têm a função de gerar renda por meio do trabalho.

**Colonialismo:** Prática na qual um território exerce domínio político, cultural ou religioso sobre um determinado povo. O controle é exercido por meio de uma potência ou força política militar externa que deseja explorar, manter ou expandir seu território.

**Cosmologia:** Estudos/preceitos da origem do Universo a partir de preceitos míticos.

**E**  
**Encomienda:** As encomiendas eram o ato de distribuir terras conquistadas às ordens militares. Entretanto, o modelo de encomienda que foi aplicado na América não se referia às terras, mas aos índios. Ou seja: a Coroa concedia aos colonos o usufruto do trabalho indígena. Para conseguir uma encomienda era necessário ter certo poder político e, tendo em vista o valor que o trabalho indígena passou a ter, os encomiendados logo se tornaram proprietários de grandes propriedades.

**Eurocentrismo:** Corresponde a uma expressão que emite a ideia no mundo como um todo de que a Europa e seus elementos culturais são referência no contexto de composição de toda sociedade moderna. Hacienda: As haciendas na América Hispânica funcionavam como grandes propriedades de terras que cultivavam monoculturas e utilizavam o trabalho escravo indígena.



Fonte: Jornadas Pelo México Colonial, 2021.

Para finalizar, o website conta com uma página intitulada “Conheça o time” que dispõe de uma breve apresentação sobre os autores e os objetivos, como disposto na imagem 9 e, em seguida, por meio de “cartões”, a introdução individual dos membros do projeto.

Figura 9 – Página “Conheça o Time” do Website Jornadas Pelo México Colonial



Fonte: Jornadas Pelo México Colonial, 2021.

No entanto, essas imagens não são do *website* em sua primeira versão. Durante a elaboração do artigo, o website está em processo de atualização e nesse caso a identidade visual está sendo padronizada. Logo, abordar-se-ão alguns pontos acerca das novas implementações.

## A temática

Como já posto acima, a disciplina se propunha a abranger a temática da América Hispânica durante o contexto da colonização. O recorte espacial se pautou pela afinidade em princípio dos autores. Neste sentido, buscou-se pesquisar como ocorreu a resistência indígena na região do atual México, denominada no período colonial como Nova Espanha, tendo como cidade central do Império asteca, Tenochtitlán. Buscou-se assim, por meio do passado, compreender como, no presente, se encontram os povos originários mexicanos, identificando os impactos da colonização espanhola e as formas de resistência indígena contemporânea.

Figura 10 – Imagem e texto: “Primeira homenagem a Colombo”



Fonte: Jornadas Pelo México Colonial, 2021.

No que tange a seleção de referências, contemplou-se em sua maior parte, ao menos os materiais de caráter bibliográfico, os textos disponibilizados como material base e complementar da disciplina. Não obstante, realizou-se conjuntamente pesquisas bibliográficas complementares, sobretudo acerca do tempo presente, pautando-se a utilização de documentos de autores referência no grande tema, como Ronaldo Vainfas (1992), por exemplo.

Além disso, foi realizado uma curadoria autoral de imagens e vídeos, onde houve a preocupação com questões de *copyright*, e também a seleção de outros materiais textuais, como livros e artigos, tanto acadêmicos quanto de outros websites semelhantes, para compor o conteúdo e também a própria construção de um site como material didático. A imagem 12 demonstra como todos os recursos, tanto visuais quanto textuais foram referenciados ao longo de todo o material, no intuito de que possam ser consultados.

Figura 11 – Referências do Website Jornadas Pelo México Colonial



Fonte: Jornadas Pelo México Colonial, 2021.

### Considerações finais

O Ensino de História tradicional vem sendo posto em debate nas últimas décadas por pesquisadores de diferentes áreas da educação e do campo da história, perspectivando novas abordagens que se aproximem do contexto atual das sociedades globalizadas. Dado essa nova conjuntura, o uso das TICs, quando pautado a partir de um viés metodológico que prima pelo diálogo com a realidade material nas quais estão inseridas, contemplando a pluralidade dos educandos e professores, viabiliza-se enquanto alternativa quando seus usos são integrados entre si e contextualizados, proporcionando ensino e aprendizagem significativos. Partindo desses pressupostos, o website se mostra relevante como uma ferramenta para ser utilizada em sala de aula como material de apoio pedagógico, na medida em que se propõe a ser um espaço onde uma grande gama de possibilidades podem ser aproveitadas, uma vez que este se encontra acessível para todos os níveis de ensino, precisando ser adaptado somente o conteúdo. Além disso, também é possível ser usado como um lugar de interação entre professor e estudante para além do âmbito escolar, pensando também que o ensino acontece em diversos ambientes, que não somente dentro da sala de aula.

Como adendos para a posterioridade, na presente escrita deste artigo, o website está passando por uma atualização de sua estrutura com a implementação da biblioteca *ReactJS*<sup>9</sup>. Tornou-se oportuno revisar a identidade visual do JPMC, como também quaisquer outras questões de imprecisões ou adicionais não pensados na primeira versão apresentada na aula de História da América Colonial. Ademais, a mais importante atualização que está em progresso

<sup>9</sup> Conjunto de “regras” de programação baseadas em determinada linguagem de programação, no caso JS, *JavaScript*, principal linguagem para internet. Sendo o *React JS* uma biblioteca, voltada para UI - Interface do Usuário - que vai reunir desde o layout das telas as interações do usuário com esta.

é a implementação de “responsividade<sup>10</sup>” ao website, para este ser acessível em diversas telas como celulares e *tablets*. Isso posto, faz-se imprescindível salientar que o projeto aqui exposto, tem objetivos que se desdobram para além dos objetivos conceituais e teóricos refletidos no decorrer deste artigo, pois se propõe a refletir sobre um ensino de história mais dinâmico e interativo em uma relação dialógica entre docentes e discentes.

Desse modo, entremeado pelas discussões teórico - metodológicas no que tangencia o ensino de história e, em diálogo com a natureza pragmática da proposta enquanto recurso pedagógico, pretendemos a partir de nossas formações posteriores a implementação de tal recurso, buscando dados que corroborem - ou não - sua aplicabilidade em âmbito educacional. Sem, no entanto, deixar de refletir acerca dos desafios que permeiam o uso das TICs em sala de aula, mas ampliando as estratégias que possibilitem viabilizar não apenas suas navegabilidade, mas também seu uso em contexto real de ensino. Sendo assim, aproveitado da melhor forma possível por professores e estudantes de história em um sentido mais pragmático.

Importante frisar, que não desconsideramos os desafios procedimentais envolvidos na aplicação do produto ao ser apresentado para a comunidade escolar. Dentre estes, podem ser previstos pouca aceitação em razão da baixa infraestrutura das escolas, bem como dos próprios estudantes para acessarem e se utilizarem de tal ferramenta; o receio que alguns profissionais podem apresentar por dificuldades em manejar tais tecnologias de forma assertiva em contexto de ensino.

Os desafios apresentados, de forma alguma se apresentam em caráter desmotivador, mas para que possamos por meio deles buscar métodos para viabilizar e aprimorar nossa proposta enquanto ferramenta didático-pedagógica de ensino. Fazendo-se necessário não apenas futuros levantamentos de dados relacionados aos seus usos e desusos em contexto educacional de ensino, como também amplia horizontes da pesquisa no que contribui para o pensar e repensar a potência do uso das TICs interseccionadas ao ensino de história.

Em conclusão, o website não se propõe a ser um substituto do professor, uma vez que, como já elencado, constitui-se enquanto uma ferramenta pedagógica que necessita da mediação do educador para que seu objetivo primário seja atingido, ou seja, ser um material didático-pedagógico dinâmico, acessível e interativo de maneira lúdica a fim de proporcionar

---

<sup>10</sup> Para a experiência do usuário ser efetiva tanto em celulares como em computadores, como também mesmo entre diversas telas distintas de celulares ou computadores, é preciso que o website “responda” uma configuração de tamanhos distintos dentro das condições estabelecidas pelo dispositivo em uso pelo usuário.

aprendizagens múltiplas a partir de diversos recursos. Dessa forma, pensar o uso das TICs, tendo o Jornadas pelo México Colonial como recurso de ensino-aprendizagem dialoga intrinsecamente com um ensino de história substantivo no que busca uma educação histórica em prol do fomento à consciência histórica na formação cidadã dos educandos.

## Referências

ANDRADE, Fabiano Viana. Ensino de história frente às tecnologias digitais: um olhar sobre a prática. **Revista História Hoje**, v. 7, n. 14, p. 172-195, 2018. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/363>. Acesso em: 25 out. 2023.

BARCA, Isabel. Literacia e consciência histórica. **Educar: Curitiba Especial**, p. 93-112, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.401>. Acesso em: 07 set. 2023.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. Reflexões sobre o ensino de História. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.32, n.93, p.127-149, Ago. 2018.

BLOCH, Marc. A história, os homens e o tempo. In: **Apologia da História ou O ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

CUNHA, Jorge Luiz da; CARDÔZO, Lisliane dos Santos. Os sentidos do trabalho do professor e o lugar social do ensino de História. **Educação** | Santa Maria | v. 40 | n. 3 | p. 529-544 | set./dez. 2015. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/pdf/edufsm/v40n3/1984-6444-edufsm-40-3-00529.pdf>. Acesso em 02 fev. 2023.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. A importância das novas tecnologias no ensino de História. In **Universa**, Brasília, nº 1, P.146-150, Fevereiro de 1999.

FRANÇA, Cyntia Simioni; SIMON, Cristiano Biazzo. **Como conciliar ensino de história e as novas tecnologias?**. Id online Rev. Mult. Psic. V.14, N. 50, p. 366-379, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOMES, Mônica Cordovil de Oliveira Martins; GOMES, Alessandro Martins. O uso das TIC'S no ensino de história. **SIED: ENPED-Simpósio Internacional de Educação a Distância e Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância**. 2016, pp. 1-11. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Solange-Alfinito/publication/342545328\\_Analise\\_bibliometrica\\_das\\_TICs\\_na\\_educacao/links/5fd7c1c2299bf140880f523f/Analise-bibliometrica-das-TICs-na-educacao.pdf#page=144](https://www.researchgate.net/profile/Solange-Alfinito/publication/342545328_Analise_bibliometrica_das_TICs_na_educacao/links/5fd7c1c2299bf140880f523f/Analise-bibliometrica-das-TICs-na-educacao.pdf#page=144). Acesso em: 14 abr. 2023.

GRINBERG, Keila; ALMEIDA, Anita. Detetives do passado no mundo do futuro: divulgação científica, ensino de História e internet. **Revista História Hoje**, v. 1, n. 1, p. 315-326, 2012.

LIMA, Hellen Cris Leite de. **Paraná quilombola: um site para ensinar história**. Orientadora : Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Joseli Maria Nunes Mendonça. 2020. 119f. Dissertação (Mestrado) – Mestrado

Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra silva de. “Novas” e “diferentes” linguagens e o Ensino de História: construindo significados para a formação de professores. **EntreVer**, Florianópolis, v.2, n. 2, p. 262-277, jan/jun. 2012.

PRATS, Joaquín. Ensinar História no contexto das Ciências Sociais: princípios básicos. **Educar: Curitiba Especial**, p. 191-218, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/FKqqys3kMwGfGHFzfznrBxp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 mar. 2023.

PRADO, Maria Ligia. Defesa do ensino de História nas escolas. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. **Novos combates pela história: Desafios-Ensino**. São Paulo: Contexto, 2021.

RÜSEN, Jorn. El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico. Una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. **Revista Propuesta Educativa**, Buenos Aires, Año 4, n.7, p.27-36. oct. 1992. Tradução: Ana Claudia Urban e Flávia Vanessa Starcke. Revisão da tradução: Maria Auxiliadora Schmidt. Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1172513/mod\\_resource/content/1/Jorn%20Rusen%20e%20o%20Ensino%20de%20Hist%C3%B3ria.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1172513/mod_resource/content/1/Jorn%20Rusen%20e%20o%20Ensino%20de%20Hist%C3%B3ria.pdf). Acesso em: 16 fev. 2023.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia Maria Braga. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 297-308, 2005.

SPINOSA, Vanessa. MEDEIROS, Danilo Nogueira de. Ensino de História no ensino superior: práticas educativas para emancipação do discente no ciberespaço. ABEH. Associação Brasileira de Pesquisa em Ensino de História. **Anais do XI Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História - Perspectivas Web 2020**. Ponta Grossa: ABEH, 2020.

TAMANINI, Paulo Augusto; DO SOCORRO SOUZA, Maria. As tecnologias digitais no ensino de história no Brasil. Um mapeamento das pesquisas acadêmicas. **Revista Docência e Ciberultura**, v. 2, n. 3, p. 141-158, 2018.

VAINFAS, R. Idolatrias e milenarismos: a resistência indígena nas Américas. **Revista Estudos Históricos**, 5(9), 29-43, 1992. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2329/1468>. Acesso em: 13 mar. 2023.

VIEIRA, Renato Ramos; SILVA, Giovanni Codeça. Ensino de História: novos contextos e novas práticas. **Revista Educação Pública**, v. 21, nº 39, 26 de outubro de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/39/ensino-de-historia-novos-contextos-e-novas-praticas>.

WENDERROSK, Renan Carvalho. A História no Mundo Digital: breves considerações sobre as tecnologias digitais e o Ensino de História. **Epígrafe**, v. 10, n. 2, p. 330-359, 2021.

---

**Recebido em:** 28 de julho de 2023

**Aceito em:** 31 de outubro de 2023

---